



MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

organização
Cinara Ferreira
Andrei Cunha

CLASS

MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
organização

2020

CLASS

Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2020 da edição:
Andrei Cunha
Cinara Ferreira
Copyright © 2020 dos capítulos:
Seus autores

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Antonio David Cattani
Claudio Vescia Zanini
Daniela Pinheiro Machado Kern
Demetrius Ricco Ávila
Elaine Barros Indrusiak
Jéferson Assunção
Karina de Castilhos Lucena
Luciana Wrege Rassier
Pedro Demenech

Projeto gráfico

Roberto Schmitt-Prym

Capa e ilustração da capa

Andrei dos Santos Cunha

Revisora-chefe

Marianna Ilgenfritz Daudt

Equipe de revisão

Andrei dos Santos Cunha
Anselmo Peres Alós
Cinara Antunes Ferreira
Elizamari Rodrigues Becker
Fernanda Vivaçqua de Souza
Galvão Boarin
Gabriel Pessin Adam
Ian Alexander
Karine Mathias Döll
Marcelo Oliveira da Silva
Rafael de Carvalho Matiello
Brunhara
Vinícius Casanova Ritter

Como citar este livro (ABNT)

CUNHA, Andrei; FERREIRA, Cinara (org.). **Mundopoética: geopolíticas do literário**. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2020.

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204
CEP 90540-000

Porto Alegre, RS, Brasil
Fones: (51) 3779.5784 -
99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M965 Mundopoética: Geopolíticas do literário / organizado por Andrei dos Santos Cunha, Cinara Antunes Ferreira. - Porto Alegre, RS : Class, 2020.
292 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-65-991765-0-0

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Cunha, Andrei dos Santos. II. Ferreira, Cinara Antunes. III. Título.

2020-1520

CDD 869.94
CDU 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaios 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaios 82-4(81)

SUMÁRIO

- 7** **Prefácio**
Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
- 13** **Aproximações entre as Relações Internacionais e a Literatura Comparada por meio da história da tradução**
Andrea Cristiane Kahmann
Gustavo Oliveira Vieira
- 37** **Hipóteses para uma poética em interface com a geopolítica**
Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
- 49** **Literatura Comparada e teoria queer: diálogos e confluências em tempos de internacionalização**
Anselmo Peres Alós
- 70** **Uma análise de *Submissão* de Michel Houellebecq a partir de teorias de Relações Internacionais críticas**
Cícero Krupp da Luz
- 86** **As produções artísticas e literárias de Josefina Plá e Josely Vianna Baptista a partir do barro: vínculos e convivências em perspectiva transnacional**
Débora Cota
- 103** **Tradução literária e *soft power*: o projeto do Instituto de Tradução da Rússia**
Denise Regina de Sales

- 117** **Poesia brasileira traduzida para o inglês:
com que face somos apresentados ao
mundo anglófono**
Elizamari Rodrigues Becker
- 136** **A origem grega da teoria realista de
Relações Internacionais**
Gabriel Pessin Adam
- 164** **“Slavie em Berlim”, de Yoko Tawada — a
escritora e sua escrita sem morada definida**
Gerson Roberto Neumann
- 181** **Algumas coisas que o Brasil me ensinou
sobre a minha literatura**
Ian Alexander
- 208** **Derivações estéticas
da *Ilíada***
Carlos Leonardo Bonturim Antunes
- 222** **Paisagens do íntimo e as poéticas da
internacionalização**
Maria Luiza Berwanger da Silva
- 235** **A antropofagia como crítica política da
cultura contemporânea**
Rejane Pivetta
- 246** **A estranha poesia das mulheres: corpos,
vozes, performances**
Rita Lenira de Freitas Bittencourt
- 261** **Des-figurações do corpo feminino:
textualidade fora da lei**
Rita Terezinha Schmidt
- 276** **Mário de Andrade, diplomata tropical:
cultura negra, música popular e a revista
*Travel in Brazil***
Roniere Silva Menezes

“SLAVIE EM BERLIM”, DE YOKO TAWADA — A ESCRITORA E SUA ESCRITA SEM MORADA DEFINIDA

Gerson Roberto Neumann¹

A escritora Yoko Tawada tem sido objeto de pesquisa em não poucos trabalhos apresentados principalmente por estudantes junto ao PPG-Letras da UFRGS nos últimos anos. Isso se explica devido ao fato de a escritora ter se tornado conhecida entre os estudantes do Setor de Alemão da universidade por causa de sua extensa e também importante produção recente. O interesse pela obra da escritora se dá, além disso, pelo fato de ela ser objeto de um projeto de pesquisa coordenado por mim na UFRGS sob o título “Yoko Tawada — escritora entre duas culturas. A obra da escritora japonesa entre a Alemanha e o Brasil. A literatura exofônica na Alemanha e no Brasil.” São, portanto, caminhos diferentes que oferecem a chegada à obra da escritora, que escreve na Alemanha em língua alemã e, quando se encontra no Japão, escreve em japonês, pertencendo simultaneamente a mais de um sistema literário, se a perspectiva se der a partir de uma definição por pertencimento a uma literatura nacional. Mas esse não é o caso de Tawada, que busca um trânsito sem fronteiras pelo mundo. Justamente esta abertura e a busca por um desprendimento a locais por parte da autora fez com que, juntamente ao interesse dos estudantes de alemão, os estudantes do curso de japonês se aproximassem da obra da autora, mesmo que primeiramente pela língua alemã.

A biografia da escritora e sua obra receberão atenção nas páginas a seguir e, em especial nesse artigo, o poema “Slavia in Berlin”, que o leitor encontra como primeiro texto no livro *Sprachpolizei und Spielpolyglotte: Literarische Essays* (“Polícia de

¹ Doutor pela FU-Berlin (Alemanha) e professor do Setor de Alemão e do PPG-Letras da UFRGS.

língua e políglotas jogadores. Ensaaios literários”). O poema que será analisado a seguir é um deslocamento de um eu narrador por um espaço que se assemelha a uma cidade — Berlim —, mas que, na sua descrição em movimento, traz elementos de outros lugares (internacionais) que se encontram em sua experiência de vida.

A abordagem teórica que fundamentará o presente texto se constituirá de textos da própria autora, quando reflete sobre questões relativas ao ato de escrever, além de textos de Ottmar Ette, de Doug Slaymaker, e de Cristine Ivanovic, entre outros estudiosos da obra da autora e da temática em questão, a saber, a escrita sem morada definida.

YOKO TAWADA — A ESCRITA DE UMA AUTORA ENTRE MUNDOS

A escritora Yoko Tawada nasceu em Tóquio, em 1960, filha de um livreiro, e se formou em literatura com ênfase em literatura russa na Universidade de Waseda, Tóquio, em 1982. No mesmo ano, Tawada se mudou para a Alemanha e cursou mestrado em literatura alemã contemporânea na Universidade de Hamburg. Depois realizou sua pesquisa de doutorado pela Universidade de Zurique na mesma área. Yoko Tawada reside desde 2006 em Berlim, após morar e trabalhar por 24 anos em Hamburgo. No entanto, nesse meio tempo, Yoko esteve em diversos países da Europa, Ásia e América do Norte, tendo realizado diversas palestras e *workshops*. Nos Estados Unidos, atuou como escritora e professora residente em universidades renomadas como NYU, MIT Washington University, Cornell e Stanford. Por consequência, sua obra tem alcançado sucesso cada vez maior, tanto nos originais em japonês e alemão, quanto através de traduções para o inglês, francês, italiano, russo, polonês, húngaro, búlgaro, norueguês, holandês, coreano, chinês e português, sendo sucesso de vendas e de crítica, principalmente nos círculos acadêmicos da literatura contemporânea e dos estudos germanísticos.

Na Alemanha, seu trabalho foi reconhecido por meio de diversos prêmios importantes, como o prêmio Albert von Chamisso em 1996 e a medalha de Goethe em 2005, e recebeu,

em novembro de 2016, o renomado prêmio Kleist, entre outros regionais, incluindo bolsas e patrocínio para suas obras, além de chamadas como professora visitante, escritora residente e palestrante em renomadas universidades na Alemanha e na Suíça. Na França, também recebeu prêmios, bolsas, convites para palestras e para visitas, incluindo a renomada Sorbonne. No Japão, recebeu 9 prêmios importantes e publicou 25 obras diversas. Entre suas conquistas, entretanto, o prêmio Kleist, concedido na Alemanha, merece destaque por se tratar de um prêmio que alça Tawada a uma categoria diferente no contexto da literatura alemã. Os prêmios anteriores recebidos por ela, como Chamisso, medalha Goethe e o Erlanger Preis, são prêmios temáticos que valorizam obras de escritores estrangeiros na Alemanha, com a temática de multilinguismo e migração, mas o prêmio Kleist já a coloca em um patamar de escritora da literatura alemã. Isto é, Tawada é, neste caso, tanto representativa das diferenças, do olhar do outro, como também de uma fluência e de uma habilidade linguística e estilística que a situam em um local privilegiado, no cânone. Esse mencionado local privilegiado também é um dos grandes desafios que Tawada impõe sobre a história literária e sobre o estudo de sua obra dentro de um sistema específico: classificar as obras de Yoko Tawada no momento de colocá-la nas prateleiras das livrarias, por exemplo. Associada a essa questão, há outras questões que surgem nesse momento: como classificar a obra de Tawada? Onde ela se insere? Ela pode ser considerada autora da literatura japonesa ou da alemã? Ou literatura de migração? Estas e muitas outras perguntas surgem quando se debate a obra de Tawada e sua significação para os diversos sistemas literários nos quais se insere.

Yoko Tawada ocupa uma posição única nas tradições literárias alemã e japonesa, e essas mesmas tentativas de classificação e contextualização que são tão complexas na obra de Tawada serão debatidas mais adiante. Tawada se coloca, assim, em um lugar entre categorias linguísticas e culturais, e se mantém nele, transitando entre diferentes outros lugares, mas sempre voltando a ele, como veremos mais adiante. Yoko Tawada tem uma vasta e diversificada produção que se expande por línguas e culturas, e faz com que seus leitores e pesquisadores se deparem com um desafio — o de ler a escritora

que, com sua obra, rompe com estruturas que o leitor busca ou já recebe ao ler um livro. Ao mesmo tempo, a autora é uma fornecedora de ferramentas para o estudo e a tradução de seus textos e, por isso, alimenta a discussão a respeito de diferentes conceitos, temáticas e contextos em e sobre sua obra, e de sua posição nos locais por onde transita.

HISTÓRICO DE PUBLICAÇÕES

Como já foi mencionado acima, a obra de Yoko Tawada se estende por duas línguas de trabalho principais, o japonês e o alemão. Mas não somente aí a obra de Tawada se destaca, por apresentar um diferencial, mas também por meio do uso que faz de diferentes gêneros literários. Sua obra compreende, na maioria, ensaios e contos curtos, mas inclui diversas coleções de poesias, romances e peças de teatro. Sua primeira publicação em língua japonesa, o livro de contos de 1991, *Sanninkankei*, surgiu posteriormente à sua inserção no mercado editorial de língua alemã, que se deu com a obra *Nur da wo du bist da ist nichts*², publicada em 1987. Sua primeira tradução para a língua inglesa foi da obra *The Bridegroom Was a Dog*, traduzida do japonês, em 1998. Sua primeira obra bilíngue foi a novela *Das Bad*³, publicada em japonês e alemão em 2010, marco importante na posição da autora dentro dos sistemas literários dessas respectivas línguas, e especialmente importante se forem consideradas a temática, a posição e o contexto de Yoko Tawada. Seus romances publicados em língua alemã incluem *Das Bad* (1989), *Das nackte Auge*⁴ (2004), *Schwager in Bordeaux*⁵ (2008) e *Etüden im Schnee*⁶ (2014). Além dos títulos mencionados, a escritora também publica coletâneas de poemas e prosa curta, que se somam ao conjunto de sua obra, incluindo *Nur da wo du bist da ist nichts*

² “Somente lá onde você está, lá não há nada”. A obra ainda não está traduzida para o português. Tradução livre nossa.

³ “O banho”. Tradução livre nossa.

⁴ “O olho nu”. Tradução livre nossa.

⁵ “Cunhado em Bordeaux”. Tradução livre nossa.

⁶ “Memórias de um urso polar”. Neste livro, trata-se da tradução já publicada no Brasil, pela editora Todavia, em 2019.

(1987), **Wo Europa anfängt** (1991), **Ein Gast** (1993), **Tintenfisch auf Reisen** (1994), **Opium für Ovid. Ein Kopfkissenbuch von 22 Frauen** (2000), **Überseezunge**⁷ (2002), **Sprachpolizei und Spielpolyglotten** (2007), **Abenteuer der deutschen Grammatik** (2010). Além desses títulos, Tawada ainda contribuiu com coleções de ensaios, como **Talisman** (1996), **Aber die Mandarinen müssen heute abend noch geraubt werden** (1997), **Verwandlungen** (1998), **Fremde Wasser** (2012), **Akzentfrei** (2016), além de peças de teatro, como **Die Kranichmaske die bei Nacht strahlt** (1993), **Orpheus oder Izanagi. Till.** (1998), **Was ändert der Regen an unserem Leben?** (2005)⁸.

Importante, no caso da produção de Yoko Tawada, são os inúmeros textos críticos, palestras e entrevistas sobre sua obra e sobre sua reflexão em relação à escrita. Em língua japonesa, Tawada publicou trinta obras, entre todos os gêneros literários já mencionados, quase a mesma quantidade que sua obra em alemão, com 24 títulos⁹. Yoko Tawada está claramente colocada em um cenário de produção entre duas línguas e culturas.

PANORAMA DA CRÍTICA SOBRE TAWADA

Ao ser tomada pela crítica literária, a obra de Yoko Tawada é valorizada pela criatividade da autora ao explorar questões como língua, cultura, identidade, fronteiras, tradução, além de abordar e enfatizar problemas de comunicação oriundos de diferenças culturais e linguísticas. Alguns de seus críticos focam o trabalho de Tawada como representativo de identidades heterogêneas, de novas posições de sujeito, e analisam a maneira como a autora percebe o ato de ser estrangeiro como um processo que transforma o corpo, enfatizando a estranheza e a inadequação da língua, a tradução como processo de criação e de não subjugação a um original,

⁷ “*Überseezungen*. Retrato de uma língua e outras criações. Este livro foi traduzido e publicado pela editora Bestiário-Class, de Porto Alegre, em 2019.

⁸ Não apresentaremos aqui todas as obras publicadas pela autora. Mencionamos as principais para a contextualização do presente artigo e sua relação com o tema em questão. Para ver toda a produção de Yoko Tawada, ver o blog da escritora: <http://yokotawada.de/?page_id=5>.

⁹ Ver o blog da escritora: <http://yokotawada.de/?page_id=5>.

e a forma como discute e valoriza as diferentes línguas e possibilidades de escrita. A escrita de Tawada se dá fora de sua língua-mãe, passando também por perspectivas feministas, e inclui diferentes maneiras de criticar dualidades, hierarquias e categorizações. Vale ressaltar que, para a Tawada, a escrita em uma língua que a pessoa adquire desde o momento de seu nascimento é também uma produção em uma língua adquirida. Para ela não se nasce com uma língua.

Yoko Tawada é uma autora de difícil categorização e catalogação, como já mencionado acima, e essa dificuldade é, de certa forma, um reflexo do vasto repertório e diversidade, tanto linguística quanto cultural, em sua obra. Em seus textos, Tawada traz à discussão noções de cultura, língua, tradição, nação, tradução, gênero e identidade.

O fato de Tawada ter uma relação muito próxima com questões relacionadas à tradução, seja por ter sido traduzida para muitas línguas, mas também por usar a tradução como temática e por ter traduzido ela mesma alguns de seus textos, ela traz muitos questionamentos sobre seu processo de auto-tradução. Dessa forma, é natural que os estudos de tradução tenham se debruçado sobre a obra da escritora, principalmente os de língua alemã e os estudos nipônicos nos Estados Unidos. Desde suas primeiras publicações, Tawada tem sido objeto de estudo em livros e artigos dedicados à sua obra. Em seu livro **Yoko Tawada**, *Voices from Everywhere* (1999), Slaymaker apresenta artigos sobre a autora, em que é abordada especialmente sua contribuição para a teoria no estudo de suas próprias obras. Além disso, nota-se a presença da tradução constante das duas culturas, trazendo ao texto em alemão, por exemplo, passagens ou palavras em japonês. Esse trânsito da autora-escritora na sua obra é também o trânsito que a escritora vive, deslocando-se constantemente de um local ao outro. Atualmente, depois que suas obras foram traduzidas para muitas línguas, existe também o deslocamento da escritora Yoko Tawada entre diversos países, muito deles ainda não conhecidos pela autora, como foi o caso da sua visita ao Brasil, em outubro de 2019, para o lançamento de dois livros traduzidos para a língua portuguesa. Para os leitores da obra de Tawada, o grande tema na sua escrita são as vozes de todo lugar, o trânsito entre contextos múltiplos. E isso vale para o leitor brasileiro de sua

obra. O volume mencionado consiste em artigos que abordam a escrita sem morada definida, apresentando as vozes de todo lugar que aparecem na obra de Tawada, recebendo atenção especial questões como língua e tradução.

Nos estudos da obra de Yoko Tawada realizados no contexto alemão, levando-se em consideração que a escritora tem uma produção bastante extensa em língua alemã, percebe-se que muitos de seus críticos se debruçam sobre esta, fazendo, no entanto, algumas comparações e triangulações com suas obras em japonês e a tradução de seus textos para outras línguas. Nesse meio, destacam-se autores como Christine Ivanovic, que editou o livro dedicado à obra da autora, **Yoko Tawada: Poetik der Transformation**, além de uma vasta contribuição crítica; Julia Genz e Ortrud Gutjahr são organizadoras da coletânea **Yoko Tawada: Fremde Wasser: Vorlesungen und wissenschaftliche Beiträge**, com textos de Miho Matsunaga, Yun-Young Choi, Ottmar Ette. Além disso, encontram-se muitas dissertações e teses abordando a obra da autora no contexto alemão. Também se destacam alguns tradutores e teóricos da tradução da obra de Yoko Tawada, como Chantal Wright, Bernard Banoun (tradutor francês) e Susan Bernofsky (tradutora norte-americana), que contribuíram com textos sobre o processo de tradução da sua obra.

No Brasil, destaco a seguir trabalhos acadêmicos sobre a obra da escritora — todos realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS.

Lúcia Collischonn de Abreu escreveu a dissertação de mestrado intitulada “Sonatas em neve: traduzindo a escrita exofônica de Yôko Tawada” defendida em 2017.

Marianna Ilgenfritz Daudt realizou dois trabalhos sobre a obra da autora: primeiramente, em 2016, concluiu a pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso “Muitas línguas e muitas almas: língua e tradução na obra **Überseetzungen** de Yoko Tawada” e, em 2019, defendeu a dissertação de mestrado com o título “A tradução como temática literária: uma análise dos entrecruzamentos teóricos e ficcionais na obra de Yoko Tawada”.

Também em 2019, Cláudia Fernanda Pavan defendeu sua dissertação de mestrado intitulada “As vozes que habitam a obra de Yoko Tawada: uma tradução comentada do ‘conto’ *Ein Gast*”.

Fazendo uma análise sobre a importância de elementos geográficos na obra da escritora, Cíntea Richter defendeu a dissertação de mestrado intitulada “Pontes geoliterárias em ‘Onde a Europa começa’ e em ‘Às margens do Spree’, de Yoko Tawada”. A dissertação de Cíntea Richter foi defendida em 2018.

Já Míriam Inês Wecker realizou um estudo comparativo das obras de duas importantes escritoras na sua dissertação de mestrado, defendida em 2018: “Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea”.

Entre as pesquisadoras da obra de Yoko Tawada, cujos trabalhos merecem destaque devido a sua relevância para os estudos sobre a obra da escritora, cabe mencionar que das pesquisas de Lúcia Collischonn de Abreu e de Marianna Ilgenfritz Daudt resultaram as traduções e as publicações das obras analisadas, **Memórias de um urso polar** (2019) e **Überseetzungen**. Retrato de uma língua e outras criações (2019).

SLAVIA IN BERLIN, DE YOKO TAWADA

A seguir, pretende-se apresentar o poema ainda inédito em língua portuguesa intitulado *Slavie in Berlin*. É o primeiro texto no livro ***Sprachpolizei und Spielpolyglotte: Literarische Essays***. Após o poema, será apresentada uma breve análise em que se procurará aproximar o tema do movimento no e pelo mundo na poética de Yoko Tawada, perceptível no seu jogo e associações de palavras.

Na sua pesquisa para a elaboração da dissertação de mestrado, Cíntea Richter apoia-se nos estudos de Ottmar Ette para afirmar que, no estudo do tema da cidade na literatura, ocorre uma aproximação desta com o

modo psicológico das personagens, dando uma função especial ao olho e à retina como criadores, e não reprodutores, de imagens. Dessa forma, a mesma cidade se transforma em várias cidades diferentes, uma para cada pessoa ou personagem. Imagens reais e imagens fictícias recebidas pela pupila e transformadas pela retina estão tão sobrepostas e fundidas quanto a realidade e a ficção. A narradora de **Às margens do**

Spree descreve bem essa fusão. O estímulo visual do espaço ativa a imaginação e a memória e desencadeia a narrativa ao mesmo tempo em que, segundo Ette, esse processo poderia ser o reflexo do próprio mundo interior da personagem. (RICHTER, 2018, p. 66)

Tomando-se a cidade como um microcosmo do mundo interior, o deslocamento de uma personagem em Berlim pode ser considerada como uma imersão nesse mundo interior. No poema abaixo, o leitor pode perceber que existe uma percepção sobre o espaço — o meio em que se está — mas, ao mesmo tempo, existem dúvidas por nunca haver uma certeza sobre o onde se está. A narradora sabe onde está, ou melhor, sabe para onde pretende ir. A precisão da localização geográfica é, no entanto, arbitrária. O fato de os pontos geográficos serem nomeados não os define, não os localiza de fato.

Passamos, a seguir, à leitura do poema e, depois, apresentaremos alguns comentários sobre o poema e as opções assumidas para a passagem do poema para a língua portuguesa.

Slavie em Berlim

Peguei o ônibus dos meus Camarões e saí
de Caza-Quistão,
combinados para às três.
Um domingo com folhas metálicas brilhantes
em Berlim.
Máquinas de cigarro funcionam Belém,
máquinas de bilhetes estavam Quebradas.
A máquina não aceitou meus Euro-pa,
nem Moema, nem notas.
Você quer então andar com bilhete à paraguaia?
Não, mas eu estava atrasada,
tive que pegar um Texas.
“Para Praga”, eu disse,
“Praga na Rua Stubenrauch
Esquina com Rua Wiesbaden!”
O texista me olhou preocupado.
“Sinai, Sinai, você não vai encontrar nenhuma Praga!”
“Manaus, eu preciso ir a Praga!”
Fomos em direção ao sul,
placas passavam rapidamente,

nomes desconhecidos e conhecidos,
ligados uns aos outros sem hífen.
Meu vírus
É uma vírgula usada na antiga ortografia.
E então
Um ponto — ele não é antigo nem novo.
“Chegamos, mas como eu disse ...”
“Então deixe-me Sarandi daqui!”
“Mas aqui não Egito nenhuma Praga.”
“Eu hei de Encantado.”
Uma quadra de esportes, obra em Gramado.
Da direção da Rua Rheingau
você veio em uma jaqueta de oncinha.
“Eu descrevi mal o lugar Parati,”
você me disse.
Então você pegou a Malásia para mim,
Carregou-a, abriu a porta, tirou
meu Cazaquistão e o pendurou.
Encontramos sem mapa a mesa mais iluminada
junto à janela.
Uma garçonete veio, tropeçou,
(Cuidado!)
e meu copo d’água virou festivamente.
Ela gostou de nós.
No cardápio, uma Virgem do Pilar.
Algo doce? Algo salgado?
(você estava em K,
Eu também estava em K,
Eu estarei em G,
você estará em T)
Conversa geográfica com
o triângulo de um crepe.
Apenas Itália deveria ficar na xícara,
Ela devora meus amigos e não os devolve.
Mas por sorte existe Hamburgo ...
Ainda é Hamburgo ...
Deixar o porto cantar sobre a língua,
para provocar no seu rosto um sorriso.
“Mas eu também vou acompanhar você
até lá, onde já não cresce nenhum nome.”
Outro sorriso ganho.
Na Califórnia você foi um cervo,
em San-F, San-D,

Eu no entanto estive num San-atório,
Lá florescia uma Academia,
Não famosa, mas cheirosa.
Atrás de mim, fechei uma porta botânica, quis
Apenas escrever para você,
Continuar a escrever, trabalho diligente,
Mas não hoje!!
Hoje está reservado para o eterno cafezinho.
Uma Faya queima dentro de mim, não tem um Bom Fim
Tarde demais. Você já se levantou
A conta na mão.
Rastejando pelo chão, procuro pelo ponteiro dos
segundos
Que caiu da sua boca.
Como é o nome da cidade,
Que não tem fim?
Não me lembro da primeira sílaba.
É onde começa sua ausência.
A cortina desce.
As luzes se apagam.
E o público? Ap-lauso!
Laos fica longe,
Quase estive lá,
Em uma outra vida talvez.
Você volta para o Taunus
E eu vou para a estação Neverland.

BREVES COMENTÁRIOS SOBRE O POEMA

Inicialmente, o poema sempre causa estranhamento, tanto no original em alemão quanto em português, depois de traduzido. No entanto, após adentrar no texto e acompanhar o deslocamento, a viagem e os questionamento da narradora (a leitura parece nos indicar que se trata de uma narradora) na sua conversa com o taxista, assim como com a pessoa que encontra e com a qual vai para um café ou restaurante, consegue-se perceber uma linearidade na narrativa e, apesar de não haver uma clareza na nomeação dos fatos ou dos propósitos, há um enredo.

O poema direciona o leitor a nomes de cidades e locais cuja pronúncia induz ao objeto, à profissão, àquilo que se quer dizer

na verdade. Por isso, é importante que o leitor tenha um relativo conhecimento de geografia e de mundo, pois Yoko Tawada recorre, teoricamente, aos nomes das cidades e localidades a partir do som da palavra, fazendo um jogo de palavras associado ao som das mesmas.

Na tradução, a tentativa deu-se também nesse sentido, de buscar em meio aos nomes em português que pudessem aproximar a pronúncia da palavra à sua necessidade elementar para haver compreensão.

O processo de tradução foi muito interessante e deve ser apresentado a seguir devido à particularidade. O livro ***Sprachpolizei und Spielpolyglotte: Literarische Essays*** foi apresentado a uma turma de estudantes do curso de tradução Português-Alemão e realizou-se a tradução do poema aqui apresentado por seis estudantes e por mim. E o próprio grupo de estudantes por si já merece destaque por se tratar de três estudantes brasileiras — Adriana Alaíde Suhnel Santos, Cláudia Stempkowsky e Maria José Cecília Cardoso — e de três estudantes alemãs, de universidades diferentes, que cursavam um semestre na UFRGS como parte de sua formação — Anna Wiemann, Katharina Martin e Wiebke Ramm.

Formou-se, assim, uma constelação perfeita para a tradução de um poema da escritora Yoko Tawada:

- 1) um grupo formado por estudantes de dois espaços nacionais diferentes: estudantes alemãs e brasileiras, destacando-se que, dentro dos dois grupos, obviamente, tem-se compreensão da multiplicidade de cada um;
- 2) as trocas linguísticas resultantes e necessárias para a tradução do poema foram muito ricas. Os conhecimentos de língua portuguesa das estudantes alemãs eram muito bons, o que foi bom como dado complementar para o exercício da tradução;
- 3) o trânsito entre as duas línguas pelas estudantes foi constante, de modo que o exercício foi muito enriquecedor para o crescimento profissional e pessoal de todas;
- 4) as atividades de tradução foram efetuadas em conjunto pelo grupo comigo e também individualmente, pois o poema não pôde ser traduzido todo em um encontro.

Esse formato foi muito interessante para a atividade.

Aqui poderiam ser elencados mais alguns pontos sobre o exercício tradutório, mas pretende-se também passar à abordagem de aspectos do texto traduzido.

O texto de Yoko Tawada oferece dificuldade ao tradutor no momento de aproximar palavras do texto que dialoguem com as relacionadas a nomes de cidades, países e localidades. Inicialmente parece aleatório o emprego dessas palavras para conduzirem o leitor na sua leitura, e sua presença no poema até certo ponto choca. Mas justamente esse fato mantém o leitor preso ao texto e o faz seguir, oferecendo-lhe uma leitura e compreensão do poema, apesar do estranhamento das palavras que, em si, não deveriam estar ali.

A seguir serão apresentadas algumas passagens do poema para exemplificar o que foi dito acima.

a)

“Um domingo com folhas metálicas brilhantes em Berlim.

Máquinas de cigarro funcionam **Belém**,
máquinas de bilhetes estavam **Quebradas.**”

As folhas metálicas brilhantes de Berlim são aquelas folhas que estão prestes a cair, as folhas que fazem um barulho metálico por estarem secas e de cor não mais viva, não mais verde. Nessa caminhada por Berlim, nesse domingo, as máquinas de cigarro não funcionam *bem* e as de bilhetes estão *quebradas*. Bem está para Belém, cidade paraense, bastante conhecida no Brasil. Talvez por isso cause estranhamento o emprego da palavra naquele momento. O leitor deve estar ciente das brincadeiras de Tawada na leitura. Já o emprego de Quebradas é perfeito. O único detalhe é que Quebradas é menos conhecido e pode até passar despercebido pelo leitor.

b)

Não, mas eu estava atrasada,
tive que pegar um **Texas**.

“Para **Praga**”, eu disse,

“Praga na Rua Stubenrauch

Esquina com Rua Wiesbaden!”

O **texista** me olhou preocupado.

Essa passagem ofereceu-nos um trabalho mais tranquilo, pois as palavras Texas e Praga são muito próximas da ortografia e da pronúncia da língua alemã. Por isso, foi possível mantê-las iguais ao poema em alemão. Uma questão muito discutida foi a manutenção dos nomes das ruas em alemão ou a mudança para nomes de rua em português. Como a procedência do poema é a língua alemã e a narrativa se passa em um contexto alemão, optou-se, portanto, por manter as palavras alemãs. Esse recurso, a preservação de nomes e palavras em alemão, é recorrente nas traduções de textos de Yoko Tawada, pois a escritora brinca justamente com os sons e a ortografia das palavras, exigindo, dessa forma, um esforço maior do seu leitor. Os leitores de Yoko Tawada estão preparados para essas ocorrências.

c)
Como é o nome da **cidade**,
Que não tem fim?
Não me lembro da primeira sílaba.
É onde começa sua ausência.
A cortina desce.
As luzes se apagam.
E o público? Ap-lauso!
Laos fica longe,
Quase estive lá,
Em uma outra vida talvez.
Você volta para o **Taunus**
E eu vou para a estação **Neverland**.

O resultado da parte final do poema agradou de modo especial o grupo, pois pareceu um final bem acabado, em sintonia com o texto da autora em alemão e tendo um fechamento bom em português para o poema. O final do poema é muito bem construído por Tawada, quando a narradora questiona: “Como é o nome da cidade, / que não tem fim?” Tem-se aí a importância da cidade, o que marca os elementos de estranhamento ao longo do poema, por serem empregados nomes de cidades e localidades para nomear algo que nem sempre é um dado geográfico. E será a cidade que não tem fim a Terra do Nunca? Há uma separação. Cada uma das personagens

segue o seu rumo, e rumos são justamente os elementos que perpassaram todo o poema.

Tudo é uma en-cena-(a)ção. Em todos os movimentos apresentados no poema são oferecidas cenas aos leitores, que as devem acompanhar, como se o desenrolar da narrativa se desse em um palco, tanto que, ao final, há aplausos, a cortina desce e as luzes se apagam. Elementos próprios de uma peça teatral.

Foram abordados apenas três pontos para exemplificar como Yoko Tawada brinca com o leitor, mas não esquecendo que todas as formas usadas por Tawada são sempre com algum sentido. Não há um simples uso de um substantivo, de um verbo ou de um pronome pelo simples fato de ser. Há sempre uma reflexão por traz do seu uso. Isso se afirma com base nos outros textos da autora que compõem a sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler Yoko Tawada requer do leitor um comprometimento, um acordo com o texto. Um texto de Yoko Tawada pode não agradar num primeiro momento por ser bastante amplo, e, por isso, parecer até superficial, pueril. É importante, no entanto, entrar no seu jogo e entender quem é a autora e porque ela escreve assim. É necessário entender que Yoko Tawada é uma escritora da literatura alemã que adquiriu a língua na sua idade já adulta e, desde então, reflete sobre sua nova língua, comparando-a muitas vezes com o japonês. Mas os textos de Yoko Tawada não são livros de estudos linguísticos. Os textos tawadianos são de profundas reflexões de tudo que envolve a língua. E aí estamos tratando de muitas coisas. E isso é Yoko Tawada escrevendo em alemão: uma viagem pelo mundo da leitura, mas uma leitura de reflexão, busca e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

COLLISCHONN DE ABREU, Lúcia. **Sonatas em neve: traduzindo a escrita exofônica de Yôko Tawada**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. 2017.

DAUDT, Marianna Ilgenfritz. **Muitas línguas e muitas almas: língua e**

tradução na obra *Überseetzungen* de Yôko Tawada. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras: Curso de Letras: Habilitação em Tradutor Português e Alemão. Bacharelado: Porto Alegre. 2016.

DAUDT, Marianna Ilgenfritz. **A tradução como temática literária: uma análise dos entrecruzamentos teóricos e ficcionais na obra de Yoko Tawada.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. 2019.

DAUDT, Marianna Ilgenfritz; ARAUJO, Monique Cunha de; NEUMANN, Gerson Roberto. Portais da tradução: limiares benjaminianos em Paul Celan e Yoko Tawada. In: **Linguagem & ensino**. Pelotas, RS Vol. 22, n. 2 (abr./jun. 2019), p. [394-411].

NEUMANN, Gerson Roberto; DAUDT, Marianna Ilgenfritz. “Eu sou uma língua”: a exofonia na literatura de Yoko Tawada. In: **Cadernos do IL**. Porto Alegre, RS N. 58 (out. 2019), p. [46-59], digital.

PAVAN, Cláudia Fernanda. **As vozes que habitam a obra de Yoko Tawada: uma tradução comentada do “conto” *Ein Gast*.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. 2019.

PORTO, Thaís Gonçalves Dias. **Entre o cinema e a literatura: sobre a construção identitária no romance *Das nackte Auge*, de Yoko Tawada.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara. 2018.

RICHTER, Cintea. **Pontes geoliterárias em Onde a Europa começa e em *Às margens do Spree* de Yoko Tawada.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. 2018.

SLAYMAKER, Doug (Ed.). ***Yôko Tawada: Voices from Everywhere*.** Lanham, MD: Lexington Books, 2007.

TAWADA, Yoko. ***Sprachpolizei und Spielpolyglotte. Literarische Essays*.** Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2007.

TAWADA, Yoko. ***Überseetzungen. Retrato de uma língua e outras criações*.** Trad. Marianna Ilgenfritz Daudt e Gerson Roberto Neumann. Porto Alegre: Editora Bestiário/Class. 2019.

TAWADA, Yoko. ***Memórias de um urso polar*.** Trad. Lúcia Collischonn de Abreu e Gerson Roberto Neumann. São Paulo: Editora Todavia. 2019.

VALE, Alice Fátima Fonseca do. ***Ópio para Ovídio: o livro do travesseiro de Yoko Tawada em tradução*.** Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2017.

WECKER, Míriam Inês. **Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller**: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. 2018.